

## A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu

Sandra M. S. Cristóvão  
FCSH - UNL<sup>1</sup>

### 1. Introdução

Vários estudos realizados com crianças inglesas, entre os 3 e 5 anos de idade, mostram que estas permitem frequentemente a co-referência entre pronomes e antecedentes que os c-comandam, o que reflecte um desempenho semelhante ao dos adultos apenas em cerca de 50% dos casos, em contextos como (1).

- (1) The boy touched him.  
O rapaz tocou-o.

Em (1), as crianças admitem a co-referência entre o pronome *him* e o sujeito referencial *the boy*, isto é a atribuição do mesmo valor ou índice. Este fenómeno é conhecido como DPBE (Delay of Principle B Effect): trata-se de um problema na aplicação da Condição B da Teoria da Ligação de Chomsky (1981), condição esta que bloqueia a co-referência entre pronomes e antecedentes que os c-comandam, num domínio local.

No entanto, segundo Grodzinsky & Reinhart (1993), que retomam os estudos de Chien & Wexler para o Inglês<sup>2</sup>, as crianças não violam os Princípios de Ligação, uma vez que não apresentam qualquer dificuldade na interpretação do pronome reflexo *himself* em (2) e que se aproximam da interpretação dos adultos (80%) com uma expressão quantificada como sujeito, como em (3).

- (2) The boy touched himself.  
O rapaz tocou-se.

- (3) Every boy touched him.  
Todos os rapazes o tocaram.

---

<sup>1</sup> Este trabalho insere-se no projecto "Técnicas Experimentais na Compreensão da Aquisição do Português Europeu", POCI/LIN/57377/2004, desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa e resume alguns dos aspectos tratados em Cristóvão (2006).

<sup>2</sup> ver Chien & Wexler (1990)

Há, portanto, um problema de co-referência e não de ligação.

O DPBE foi também observado noutras línguas, tais como o Neerlandês<sup>3</sup>, o Russo<sup>4</sup> e o Português do Brasil<sup>5</sup>. Contudo, nas Línguas Românicas (para além do Português do Brasil), em contextos semelhantes, não há DPBE. As crianças espanholas, por exemplo, não estabelecem co-referência entre o pronome e o sujeito de (4).

- (4) La niña la seca.  
A rapariga limpa-a.

A interpretação que as crianças fazem de (4) é semelhante à dos adultos em cerca de 100% dos casos. Para além do Espanhol<sup>6</sup>, observamos ausência de DPBE noutras Línguas Românicas: Francês<sup>7</sup>, Catalão<sup>8</sup> e Italiano<sup>9</sup>. Interessa, pois, perceber o que leva as crianças destas Línguas Românicas a comportarem-se de forma diferente, no que diz respeito à co-referência pronominal.

Este trabalho propõe-se estudar a questão da co-referência nos pronomes complemento directo no Português Europeu, em dados de aquisição da linguagem, e procura alcançar os seguintes objectivos:

- (i) verificar se as crianças portuguesas têm dificuldades na aplicação do Princípio B, ou seja problemas relacionados com a Teoria da Ligação proposta por Chomsky (1981);
- (ii) verificar se as crianças portuguesas têm problemas em estabelecer relações de co-referência;
- (iii) caso haja problemas de co-referência, verificar se correspondem a contextos já descritos para outras línguas e a que se deve este fenómeno;
- (iv) caso não haja problemas de co-referência, tentar explicar por que o Português Europeu se encaixa no conjunto de línguas em que este problema é inexistente ou fraco;
- (v) explicar o que motiva os problemas de co-referência: factor gramatical e/ou pragmático ou outro.

## 2. O português europeu

### 2.1. Sujeitos-alvo

O teste foi aplicado a 38 crianças, entre os 3;6 anos e os 6;3 anos. A nível etário, as crianças dividem-se em três grupos: 6 crianças entre 3 e 4 anos, 16 crianças entre 4 e 5 anos e 16 crianças de 5 anos ou mais, sendo a média de idades 4;8 anos. Todas as

<sup>3</sup> ver Philip & Coopmans (1996)

<sup>4</sup> ver Avrutin & Wexler (1992)

<sup>5</sup> ver Grolla (2006)

<sup>6</sup> ver Padilla (1990) ou Baauw, Coopmans & Philip (1999)

<sup>7</sup> ver Hamann & Philip (1997)

<sup>8</sup> ver Escobar & Gavarró (1999)

<sup>9</sup> ver Mc Kee (1992)

crianças são de nacionalidade e naturalidade portuguesa, sempre residiram em Portugal e são apenas falantes do Português. O teste foi realizado em dois infantários: o Infantário Girassol de Setúbal e o Infantário de Ferreira do Alentejo (distrito de Beja).

O teste foi também aplicado a um grupo de 7 adultos com formação académica, que constitui o grupo de controlo.

## 2.2. Metodologia

A metodologia utilizada para testar as crianças portuguesas é semelhante à que é utilizada na maioria das línguas já testadas: o *Truth Value Judgement Task*, mais precisamente *Picture Verification Task*.

O teste é apresentado à criança sob a forma de um jogo de adivinhas e é aplicado por duas pessoas: uma é o “ajudante” da criança e a outra o “adivinhador”. O ajudante está sentado ao lado da criança e o adivinhador sentado frente a eles. Para ajudar à compreensão dos vários passos do teste, apresenta-se, em seguida, uma descrição e um exemplo:

- (i) O ajudante exhibe a imagem à criança e faz a enumeração de todos os objectos e/ou pessoas representados na imagem.
- (ii) A criança ouve as pistas e vê a imagem.
- (iii) O adivinhador, que não tem acesso à imagem, repete as pistas do ajudante pela mesma ordem e lê a pergunta que está escrita na parte de trás do desenho. A prosódia utilizada é neutra: não foi dada ênfase a qualquer constituinte.
- (iv) A criança ouve o adivinhador.
- (v) A criança julga se aquilo que este disse está correcto. Apenas tem de dizer SIM ou NÃO.

Exemplo:

- (i) O ajudante mostra uma imagem à criança e enumera os elementos presentes na imagem: “Mmm... uma menina, uma avó e um pente.”
- (ii) A criança ouve as pistas e vê a imagem.
- (iii) O adivinhador repete as pistas pela mesma ordem: “Mmm... uma menina, uma avó e um pente.” E lê a pergunta que está escrita por trás do desenho: “A avó penteia-a?”
- (iv) A criança ouve o adivinhador.
- (v) A criança julga se aquilo que este disse está correcto e responde: “Sim” ou “Não”.

O teste aplicado é uma replicação adaptada do teste de Baauw, Coopmans & Philip (1999) e pretende testar três contextos sintácticos:

- frase simples com sujeito referencial;
- frase simples com sujeito quantificado;
- construção com oração pequena.

Cada contexto é testado com 3 verbos transitivos sintacticamente iguais: *limpar*, *pentear* e *lavar*.

Cada condição de teste tem 3 condições de controlo, isto é, cada frase com um clítico pronominal tem uma frase equivalente com um clítico reflexo e cada frase que elicitava uma resposta afirmativa tem uma frase equivalente que elicitava uma resposta negativa. Veja-se o exemplo em (5), com o verbo *limpar*.

- (5) A rapariga limpa-a? (Não)  
A rapariga limpa-a? (Sim)  
A rapariga limpa-se? (Não)  
A rapariga limpa-se? (Sim)

Por outro lado, o teste aplicado apresenta uma particularidade própria do Português Europeu. Todas as frases são testadas com duas estruturas verbais: uma com o verbo simples no presente do indicativo e outra com a perífrase verbal “*estar a + infinitivo*”, como em (6).

- (6) a. A menina limpa-a.  
b. A menina está a limpá-la.

A estrutura de (6b) é a forma mais comum de expressão de tempo presente na oralidade, o que poderá influenciar a compreensão da criança, dado que esta apenas tem contacto com a língua falada. Assim, (6a) poderá ser mais difícil de interpretar para a criança em fase de aquisição. A aplicação destas duas estruturas permite-nos verificar se existe algum efeito de frequência na interpretação.

### 2.3. Resultados

O quadro 1 apresenta os resultados obtidos em termos de percentagem de respostas correctas, separadas por tipo de verbo, por contexto sintáctico e por resposta elicitada (negativa ou afirmativa).

Verbo Simples

|       | Sujeito referencial | Sujeito quantificado | Oração pequena |       | Sujeito referencial | Sujeito quantificado | Oração pequena |
|-------|---------------------|----------------------|----------------|-------|---------------------|----------------------|----------------|
| Sim   | 96,5%               | 94,7%                | 86,8%          | Sim   | 86,8%               | 88,6%                | 85,1%          |
| Não   | 83,3%               | 80,7%                | 67,6%          | Não   | 70,2%               | 70,2%                | 49,1%          |
| Total | 89,9%               | 87,7%                | 77,2%          | Total | 78,5%               | 79,4%                | 67,1%          |

Reflexos

|       | Sujeito referencial | Sujeito quantificado | Oração pequena |
|-------|---------------------|----------------------|----------------|
| Sim   | 97,4%               | 93,6%                | 90,4%          |
| Não   | 86%                 | 78,1%                | 66,7%          |
| Total | 91,7%               | 85,9%                | 78,6%          |

Pronomes

|       | Sujeito referencial | Sujeito quantificado | Oração pequena |
|-------|---------------------|----------------------|----------------|
| Sim   | 93,9%               | 94,7%                | 90,4%          |
| Não   | 84,2%               | 78,1%                | 62,3%          |
| Total | 89,1%               | 86,4%                | 76,4%          |

Verbo com Auxiliar

Quadro 1 – Resultados para o Português Europeu

Se analisarmos os resultados relativos ao verbo simples, verificamos que é nas perguntas que elicitam uma resposta negativa que encontramos uma variação mais acentuada entre reflexos e pronomes, quer com sujeito referencial (83,3% e 70,2% respectivamente), quer com sujeito quantificado (80,7% e 70,2% respectivamente), e principalmente com oração pequena (67,6% e 49,1% respectivamente). Nas restantes respostas, com resposta afirmativa e respostas totais, as diferenças observadas são menos significativas.

Se observarmos os resultados com verbo auxiliar, chegamos à conclusão de que estes são bastante semelhantes em quase todos os contextos e tipos de respostas (sim, não e totais). Apenas apresentam uma ligeira variação as respostas relativas à oração pequena quando a resposta elicitada é negativa.

Assim, é lícito afirmar que as crianças falantes do PE, de uma forma geral, não apresentam dificuldades com a Teoria da Ligação, como podemos verificar com os resultados relativos aos reflexos e aos pronomes.

Os resultados obtidos com os reflexos, em qualquer dos três contextos sintácticos, indicam que as crianças conhecem e aplicam sem dificuldades o Princípio A. Por outro lado, os resultados relativos aos pronomes evidenciam conhecimento do Princípio B, no que se refere aos contextos de sujeito referencial e sujeito quantificado, embora as percentagens sejam inferiores às dos reflexos, nestes mesmos contextos. Apesar de se verificar uma diferença significativa entre reflexos e pronomes, não observamos problemas de co-referência. Lembramos que só falamos em problemas de co-referência quando a percentagem de respostas correctas é igual ou inferior a 50%.

No que concerne ao contexto de oração pequena, a percentagem de 49,1%, nas perguntas que elicitam uma resposta negativa, requer uma explicação que não pode ser o desconhecimento do Princípio B. Não seria pertinente afirmar que só neste contexto as crianças desconhecem o Princípio B. Verifica-se aqui um problema de co-referência alheio a este princípio. Seguindo Grolla (2006), propomos que as frases complexas requerem um esforço maior para a memória de trabalho da criança do que as frases simples. Face a dificuldades na computação da oração pequena, a criança desiste da interpretação e lança um palpite, o que se traduz em resultados equivalentes ao *chance level*.

### 3. Perspectiva comparativa entre o português europeu e outras línguas

Tendo como referência os resultados apresentados para as diferentes línguas anteriormente referidas, procedeu-se à elaboração dos quadros 2 e 3, que pretendem facilitar uma análise comparativa entre as diferentes línguas. Construíram-se dois quadros, devido às diferenças na apresentação dos dados através das línguas. Assim, o quadro 2 refere-se aos resultados totais, ou seja às respostas afirmativas e negativas em conjunto, enquanto o quadro 3 só apresenta resultados de itens que elicitam respostas negativas<sup>10</sup>.

|                     |             | Sujeito referencial | Sujeito Quantificado | Oração pequena |       |
|---------------------|-------------|---------------------|----------------------|----------------|-------|
| Inglês              | Reflexo     | 82%                 | 72%                  | -              |       |
|                     | Pronome     | 70,1%               | 82,2%                | -              |       |
| Italiano            | Reflexo     | 95%                 | -                    | -              |       |
|                     | Pronome     | 90%                 | -                    | -              |       |
| Russo               | Reflexo     | 96%                 | 96%                  | -              |       |
|                     | Pronome     | 48%                 | 59%                  | -              |       |
| Francês             | Reflexo     | 100%                | -                    | -              |       |
|                     | Pronome     | 94%                 | -                    | 56%            |       |
| Espanhol            | Reflexo     | 94%                 | 90%                  | 92,5%          |       |
|                     | Pronome     | 94%                 | 94,5%                | 73,5%          |       |
| Catalão             | Reflexo     | 97,6%               | -                    | 91,6%          |       |
|                     | Pronome     | 94,6%               | -                    | 57,7%          |       |
| Português do Brasil | Reflexo     | 95%                 | 95%                  | -              |       |
|                     | Pronome     | 44%                 | 40%                  | -              |       |
| Português Europeu   | V. aux. sim | Reflexo             | 89,9%                | 87,7%          | 77,2% |
|                     |             | Pronome             | 78,5%                | 79,4%          | 67,1% |
|                     | V. aux. não | Reflexo             | 91,7%                | 85,9%          | 78,6% |
|                     |             | Pronome             | 89,1%                | 86,4%          | 76,4% |

Quadro 2 – Quadro comparativo dos resultados totais obtidos nas diferentes línguas, por forma pronominal e por contexto sintático.

<sup>10</sup> Alguns autores apenas apresentam resultados totais, sem a separação entre itens que elicitam respostas afirmativas e respostas negativas. Por este motivo não é possível apresentar, no quadro 3, os resultados do Italiano, do Francês e do Português do Brasil.

A CO-REFERÊNCIA NOS PRONOMES OBJECTO DIRECTO NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS EUROPEU

Os espaços vazios em cada quadro correspondem a dados que não são fornecidos nos textos que serviram de fonte a estes quadros.

No quadro 2, observamos que, nas frases com sujeito referencial, o reflexo tem um resultado mais elevado do que o pronome em todas as línguas, destacando-se com uma diferença mais acentuada entre o Russo e o Português do Brasil (PB). O Inglês e o Português Europeu (PE) apresentam uma diferença ligeira.

No que diz respeito ao sujeito quantificado, o reflexo apenas tem resultados mais altos que o pronome em Russo e PB, onde observamos uma diferença ligeira, e em PE, com verbo simples, sendo a diferença menos expressiva. Nas restantes línguas, não se observam diferenças expressivas entre o reflexo e o pronome.

|                     |                       | Sujeito referencial | Sujeito Quantificado | Oração pequena |       |
|---------------------|-----------------------|---------------------|----------------------|----------------|-------|
| Inglês              | Reflexo               | 72,4%               | 59,5%                | -              |       |
|                     | Pronome               | 49%                 | 69,3%                | -              |       |
| Italiano            | Reflexo               | -                   | -                    | -              |       |
|                     | Pronome               | -                   | -                    | -              |       |
| Russo               | Reflexo               | -                   | -                    | -              |       |
|                     | Pronome               | 48%                 | 59%                  | -              |       |
| Francês             | Reflexo               | -                   | -                    | -              |       |
|                     | Pronome               | -                   | -                    | -              |       |
| Espanhol            | Reflexo               | 89%                 | 82%                  | 87%            |       |
|                     | Pronome               | 90%                 | 90%                  | 63%            |       |
| Catalão             | Reflexo               | 95,2%               | -                    | 88,6%          |       |
|                     | Pronome               | 89,2%               | -                    | 44,6%          |       |
| Português do Brasil | Reflexo               | -                   | -                    | -              |       |
|                     | Pronome               | -                   | -                    | -              |       |
| Português Europeu   | Verbo c/ aux. simples | Reflexo             | 83,3%                | 80,7%          | 67,6% |
|                     |                       | Pronome             | 70,2%                | 70,2%          | 49,1% |
|                     |                       | Reflexo             | 86%                  | 78,1%          | 66,7% |
|                     |                       | Pronome             | 84,2%                | 78,1%          | 62,3% |

Quadro 3 – Quadro comparativo dos resultados dos itens que elicitam respostas negativas, por forma pronominal e por contexto sintáctico.

No quadro 3, relativamente ao contexto com oração pequena, observa-se uma tendência geral para resultados mais baixos com o pronome do que com o reflexo. No Catalão e no PE com verbo simples, os resultados com pronomes indicam problemas de co-referência (44,6% e 49,1% respectivamente). No Espanhol, embora os resultados com pronomes sejam inferiores aos resultados com reflexos, não há uma clara evidência de problemas de co-referência. No PE com verbo com auxiliar, os reflexos e os pronomes apresentam resultados semelhantes (66,7% e 62,3% respectivamente).

Não é possível extrair muitas conclusões do quadro 3, devido à falta de dados. Contudo é importante referir que, de uma forma geral, este quadro apresenta tendências semelhantes às do quadro 2, embora os resultados sejam significativamente mais baixos, o que vem reforçar a ideia de que os itens que elicitam respostas afirmativas não têm o mesmo valor que os itens que elicitam respostas negativas. Estes últimos constituem uma fonte mais fidedigna, visto que excluem o efeito de *yes bias*, que pode falsear os resultados.

Por outro lado, os resultados obtidos com os reflexos, em qualquer dos quadros, indicam que as crianças conhecem o Princípio A e não revelam dificuldades na sua aplicação, quer com sujeito referencial, quer com sujeito quantificado, em todas as línguas.

Relativamente à co-referência, os resultados obtidos apontam para uma divisão das línguas observadas em dois grupos. Determinadas línguas, tais como o Italiano, o Francês, o Espanhol, o Catalão e o PE, não apresentam problemas de co-referência, o que nos quadros 2 e 3 se reflecte em resultados distantes dos 50%. Contudo, é importante referir que no caso do PE, os resultados obtidos no quadro 3 não podem ser considerados semelhantes à performance do adulto<sup>11</sup>, visto que obtivemos uma percentagem de 70,2%. Por sua vez, no quadro 3, os pronomes no Inglês e no Russo apresentam resultados próximos de 50% (excepto para o sujeito quantificado, no Inglês), bem como o PB, no quadro 2<sup>12</sup>.

#### 4. Conclusões

Consideramos que este trabalho contribui para o esclarecimento da questão da co-referência, uma vez que apresenta dados novos relativamente ao Português Europeu. No entanto, sublinhamos a necessidade da aplicação de um teste uniformizado para as várias línguas, com o intuito de obtermos resultados mais concretos, que permitam chegar a conclusões mais abrangentes.

Com este trabalho, verificámos que as crianças portuguesas não têm dificuldades na aplicação do Princípio B, ou seja não têm problemas relacionados com a Teoria da Ligação.

No que concerne aos problemas de co-referência nos pronomes objecto directo, é necessário distinguir os resultados por contextos sintácticos e por formas verbais. Com o verbo com auxiliar, os dados com sujeito referencial e com sujeito quantificado aproximam-se bastante da performance do adulto. Com verbo simples, estes resultados ficam um pouco mais abaixo, embora só possamos falar em leves dificuldades, visto que os resultados (70,2%) estão longe do *chance level*. No caso das orações pequenas, os resultados obtidos correspondem aos que já foram descritos para outras línguas (cerca de 50%), o que indica claramente problemas de co-referência.

<sup>11</sup> Os resultados obtidos no grupo de controlo do PE, constituído por sete adultos, são de 100%, em qualquer dos contextos testados.

<sup>12</sup> Não dispomos dos resultados dos itens que elicitam respostas negativas, mas tudo nos leva a pensar que serão ou iguais ou mais baixos que aqueles apresentados no quadro 2.



Assumimos que a gramática da criança e o seu conhecimento da pragmática não são diferentes dos do adulto, pelo que a motivação para os problemas de co-referência não reside no desconhecimento nem de princípios gramaticais, nem de factores pragmáticos. Assim, os problemas de co-referência observados em Português Europeu, nas orações pequenas, assentam na dificuldade de computação de operações complexas, devido a limitações na capacidade de processamento da criança.

Importa, ainda, salientar outro factor que parece influenciar a interpretação das crianças: a natureza dos pronomes. Numas línguas, os pronomes são fortes e, noutras, clíticos. O quadro 4 apresenta o estatuto dos pronomes nas várias línguas em análise.

|                     | Fortes | Clíticos |
|---------------------|--------|----------|
| Inglês              |        |          |
| Russo <sup>13</sup> |        | ?        |
| Italiano            |        | X        |
| Francês             |        | X        |
| Espanhol            |        | X        |
| Catalão             |        | X        |
| Português do Brasil |        |          |
| Português Europeu   |        | X        |

Quadro 4 – O estatuto dos pronomes através das línguas e os problemas de co-referência

Se confrontarmos o estatuto dos pronomes com os problemas de co-referência, verificamos que existe uma correspondência entre as línguas com pronomes fortes e as que apresentam problemas de co-referência.

Parece, assim, confirmar-se a tendência geral (cf McKee 1992 e Bauuw, Coopmans & Philip 1999) de que os clíticos não geram problemas de co-referência.

Interessa, ainda, observar o caso do Português do Brasil (PB) e do Português Europeu (PE). Apesar de serem duas variantes de uma mesma língua, comportam-se de forma diferente no que concerne à co-referência. O PB evidencia problemas de co-referência (44% de respostas correctas com sujeito referencial e 40% com sujeito quantificado), enquanto no PE apenas se observa um leve efeito com verbo simples (78,5% de respostas correctas com sujeito referencial e 79,4% com sujeito quantificado) e ausência de problemas com verbo com auxiliar (89,1% de respostas correctas com sujeito referencial e 86,4% com sujeito quantificado)<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Avrutin & Wexler (1992) apenas referem a ambiguidade do estatuto do pronome no Russo.

<sup>14</sup> Em Italiano, co-existem as duas formas. No entanto, aquela que nos interessa é a que foi testada por McKee (1992): o clítico.

<sup>15</sup> Por uma questão de comparação, foi necessário recorrer às percentagens dos resultados totais, isto é, que elicitam respostas afirmativas e negativas, visto que os dados apresentados por Grolla (2006) são conjuntos.

Grolla (2006) assume para o PB a análise dos pronomes de Hornstein (2001), que sugere que os pronomes do PB são pronomes "elsewhere", que só podem ser inseridos numa derivação se o movimento não for possível. De acordo com esta hipótese, os pronomes não estão presentes na numeração e a sua inserção na derivação não é económica. A aplicação do movimento é considerada mais económica.

Esta análise requer, portanto, uma comparação entre derivações para decidir se é lícito inserir um pronome. Esta comparação realiza-se através da computação do conjunto de referência que só é possível entre derivações convergentes.

Esta computação, que envolve a comparação de duas estruturas, requer um esforço demasiado grande para a memória de trabalho da criança, como sugere Reinhart (1999). Por isso, a criança desiste e tenta adivinhar, o que conduz a um resultado semelhante ao *chance level*. Esta análise explica que as crianças do PB apresentem 44% de respostas correctas com sujeito referencial e 40% com sujeito quantificado.

No PE, os pronomes são clíticos, o que explica a diferença obtida entre os dados do PB (Grolla 2006), e os dados do PE, apresentados neste trabalho. Os clíticos, pela sua natureza defectiva<sup>16</sup>, não podem ser pronomes "elsewhere". Assim, não se verificam problemas de co-referência, visto que não se aplica a computação do conjunto de referência. Não há obstáculos para a interpretação da criança uma vez que não se torna necessária a construção de hipóteses alternativas. Não havendo competição na interface, não há problema de interpretação (Reinhart 1999).

Em síntese, e retomando as questões levantadas na introdução deste trabalho, verificámos que:

(i) as crianças portuguesas não têm dificuldades nem na aplicação do Princípio A, nem na aplicação do Princípio B, ou seja problemas relacionados com a Teoria da Ligação proposta por Chomsky (1981);

(ii) existem problemas de co-referência significativos com os pronomes objecto directo apenas num dos contextos testados: a frase com oração pequena. Embora os resultados dos contextos com sujeito referencial e sujeito quantificado não estejam muito próximos das respostas dos adultos (70%), afastam-se significativamente da percentagem que evidencia problemas de co-referência (50%);

(iii) o contexto em que se verificam problemas de co-referência com os pronomes em PE corresponde a um contexto já descrito para outras línguas, nomeadamente o Francês, o Espanhol e o Catalão. Trata-se da frase com oração pequena;

(iv) o PE encaixa-se no conjunto das Línguas Românicas (à excepção do PB) em que os problemas de co-referência nos pronomes objecto directo são inexistentes ou fracos (isto é, Italiano, Francês, Espanhol e Catalão), o que parece dever-se ao estatuto de clítico do pronome. Exceptua-se, contudo, o contexto de frase com oração pequena que parece ser problemático em todas as línguas;

(v) no PE, tal como nas outras línguas, os problemas de co-referência que encontramos no contexto com oração pequena devem-se a dificuldades de computação de operações complexas, devido a limitações na capacidade de processamento da criança.

<sup>16</sup> ver Cardinaletti & Starke (1994)

**Referências**

- Avrutin, Sergey & Kenneth Wexler (1992) Development of principle B in russian: coindexation at LF and coreference. *Language Acquisition* 2 (4), pp. 259-306.
- Baauw, Sergio, Peter Coopmans & William Philip (1999) The acquisition of pronominal coreference in Spanish and the clitic-pronoun distinction. In *U.i.L. Yearbook 1998-1999*. Utrecht University.
- Cardinaletti, Anna & Michal Starke (1994) The typology of structural deficiency, on the three grammatical classes. In *Clitics in the language of Europe*. Berlin: Mouton
- Chien, Yu-Chin & Kenneth Wexler (1990) Children knowledge of locality conditions in binding as evidence for the modularity of syntax and pragmatics. *Language Acquisition* 1 (3), pp. 225-295.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- Cristóvão, Sandra (2006) *A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Escobar, Linda & Anna Gavarró (1999) The acquisition of catalan clitics and its implications for complex verb structure. In *Report de Recerca*. Inversitat Autònoma de Barcelona
- Grodzinsky, Yosef & Tania Reinhart (1993) The innateness of binding and coreference. *Linguistic Inquiry* 24, 1.
- Grolla, Elaine (2006) The acquisition of A- and A'-bound pronouns in brazilian portuguese. In *The acquisition of syntax in romance languages*, Amsterdam
- Hamann, Cornelia, Odette Kowalski & William Philip (1997) The french delay of principal B effect. In *BUCLD Proceedings 21*. Somerville, Mass.: Cascadilla Press
- Hornstein, Norbert (2001) *Move! A minimalist theory of construal*, Oxford, Blackwell Publishers
- McKee, Cecile (1992) A comparison of pronouns and anaphors in italian and english acquisition. *Language Acquisition* 2 (1), pp. 21-54.
- Padilla, José (1990) *On the definition of binding domains in Spanish*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers.
- Philip, William & Peter Coopmans (1996) The role of lexical feature acquisition in the development of pronominal anaphora. In *Amsterdam series on child language development, vol 5*. Amsterdam: Instituut Algemene Taalwetenschap 68
- Reinhart, Tanya (1999) The processing cost of reference-set computation: guess patterns in acquisition. In *Lectures given in Rutgers cognitive colloquium*.